



A Santa Sé

**CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II
A D. ALBERTO COSME DE AMARAL
BISPO DE LEIRIA**

*Ao Venerável Irmão Alberto Cosme Do Amaral
Bispo de Leiria*

1. De muito bom grado acedo ao desejo de uma afirmação de presença aos participantes na Peregrinação do dia 13 de Maio próximo à Fátima. Não é sem emoção que revivo as horas aí passadas, há um ano, peregrino entre peregrinos; e é com a alma em festa que, espiritualmente, volto a esse local abençoado, como filho que se alegra por ir a “essa casa onde se sente uma presença muito particular da Mãe” de Deus e Mãe de todos os homens, qual é o Santuário de Fátima. E assim, irmão entre irmãos, no encontro em “Casa” da Mãe celestial, afigura-se-me sentir a calorosa simpatia da massa dos Peregrinos e a fraternal estima dos fiéis, como há um ano atrás; e à sua voz, uno desde agora a minha voz, para na continuidade das “gerações”, com Maria e em Maria Santíssima, bendizer e enaltecer as maravilhas que n’Ela operou o Todo-Poderoso. Como é belo e agradável o convívio de muitos irmãos juntos! Com todos, “a minha alma glorifica ao Senhor” (Cfr. *Ps. 133 (132), 1; Luc. 1, 46*).

Neste encontro espiritual, em Igreja, o meu pensamento, antes de mais - por certo, com os pensamentos de todos - vai para a Trindade Santíssima, ao saudar e venerar Nossa Senhora, Mãe de Deus, a qual, “na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo”, no dizer de Santo Ambrósio, “é o tipo e a figura da Igreja, que tem a sua origem no amor do eterno Pai, foi fundada no tempo por Cristo Redentor e se reúne no Espírito Santo” (Cfr. *Gaudium et Spes*, 40): bendito seja Deus, Pai e Filho e Espírito Santo!

E à minha adoração ao Altíssimo, com Maria, juntamente com os amados Peregrinos de Fátima, une-se a acção de graças, que desejaria continuasse a ser, com todos, comunhão e vida: o terço na mão, o doce nome da Mãe nos lábios e o cântico do Amor-Misericórdia do Senhor no coração, “exulta o meu espírito em Deus, meu Salvador!” (*Luc. 1, 47*). A data de 13 de Maio, para mim,

permanecerá sempre evocativa de uma especial protecção materna de Nossa Senhora, de uma dívida de gratidão, que posteriores vicissitudes têm vindo a aumentar; mas “graças ao Senhor . . . que não se esgotou a Sua misericórdia” (Cfr. *Lam.* 3, 2), continuo a repetir, com Maria e por Maria Santíssima.

2. Hoje, como há um ano, o Sucessor de Pedro sente-se consciente da herança recebida do Concílio Vaticano II: a vida da Igreja presente ao mundo; e à luz de verdade e do chamamento que encerra a Mensagem de Fátima, no seu núcleo fundamental - Penitência e Oração - verdade e chamamento do Evangelho, o Papa sente-se consciente das alternativas vividas, não só pela Nação portuguesa, mas por toda a família humana; e, ao Seu espírito afloram sobretudo aquelas experiências vividas, que continuam a resultar do facto de sociedades inteiras, de muitos homens e de numerosos cristãos escolherem e caminharem num “sentido oposto àquele que foi indicado pela Mensagem”. E por isso, penalizado por tudo aquilo que no mundo, na Igreja e nos cristãos se opõe à santidade e à consagração, o Papa sente necessidade de continuar a oferecer reparação pelo mundo contemporâneo, o qual não deixa de ser abalado pelas lutas entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, e marcado dolorosamente pelas sombras sinistras do pecado e, pior ainda, pela ausência do sentido do pecado.

Mas animado pela esperança, que assenta na grande certeza de Cristo morto e ressuscitado, Cristo pascal, que é a encarnação definitiva e o sinal vivo da Misericórdia, daquele Amor que há-de demonstrar-se perenemente mais forte do que o pecado (Cfr. IOANNIS PAULI PP. II *Dives in Misericordia*, 8), a minha oração - com a oração dos Peregrinos de Fátima, estou certo - continua em súplica confiante nessa Fonte da vida, de onde dimanam ininterruptamente a rendição e a graça, sempre mais fortes do que o mal. E unindo-me ao nosso Redentor, Jesus Cristo, e à sua consagração pelo mundo e pelos homens, uma vez que só no Coração divino a nossa expiação se reveste do poder de alcançar o perdão e de chegar à reparação e a reconciliação, a todos convido a rezar com o Papa e - seja-me permitido - também pelo Papa:

3. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria, que Cristo Senhor do alto da Cruz nos quis dar como Mãe, pelo Apóstolo João: nós sabemos que, desde esse momento, começou a actuar-se na história o mistério da vossa maternidade espiritual, para com todos os homens e, com um desvelo como o de qualquer mãe, a abranger o homem todo; alcançai-nos que, à semelhança de Jesus, o Irmão universal, sejamos bons irmãos de todos os homens e do homem todo, na família humana, na família dos filhos de Deus, em Igreja, mediante uma constante reconciliação.

Assim, Mãe de Cristo e Mãe nossa, acolhei o nosso clamor, carregado do sofrimento de todos os homens e de sociedades inteiras! Que se manifeste, uma vez mais, na história do mundo, a força do Amor misericordioso! Que ele detenha o mal! Que ele transforme as consciências! Que ele se torne para todos os homens, no vosso Coração Imaculado, a luz da Esperança! (cf. IOANNIS PAULI PP. II, *Actus consecrationis totius mundi ad Beatam Mariam Virginem, die 13 maii 1982*:

Insegnamenti di Giovanni Paolo II, VI/2 [1982] 1586 ss.)

Mãe da Igreja, que esta manifestação do Amor misericordioso seja propiciada pelo Jubileu extraordinário deste Ano Santo, que o Sucessor de Pedro quer continuar a oferecer, em nome da Igreja, Àquele que é o mesmo ontem, hoje e para todo o sempre, Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo, que “na plenitude dos tempos”, por obra do Espírito Santo, de Vós, ó Virgem Maria, assumiu um corpo humano para, mediante a própria Morte e Ressurreição, ser o Redentor do homem (Cfr. EIUSDEM *Oratio in aperitione Anni Sancti Redemptionis*, die 25 mart. 1983: vide *supra*, p. 812).

Mãe dulcíssima da nossa esperança, nós sabemos que oferecer o Ano Santo é apelo a oferecermos os nossos corações, com humildade e contrição, numa atitude de verdadeira consagração, à semelhança de Cristo (Cfr. *Io. 17, 19*); por isso, com a devoção mais sincera e com afecto filial, conscientes de que isso implica a promessa decidida de fidelidade a Deus e ao seu sacramento de Salvação que é a Igreja, nós confiamos a própria consagração em favor dos homens e do mundo, unida à do nosso Redentor, ao vosso Coração Imaculado: “Guardai-nos e defendei-nos, como coisa própria vossa”!

Advogada nossa puríssima junto do Amor misericordioso, revesti dos vossos merecimentos as nossas súplicas, com que desejamos implorar: a harmonia interna na Igreja, a paz no mundo e a paz de Cristo Ressuscitado nos corações; a recomposição da unidade de todos os que se professam Cristãos; o êxito e o incremento de graça para a actividade missionária da Igreja e o conforto para todos os missionários; a clemência e a consolação para todos os que sofrem, no corpo ou na alma, por causa da miséria, dos cataclismos, da violência e de todas as consequências do “pecado do mundo”, em todos os povos, nações e quadrantes da terra.

4. Santa Maria, Virgem Imaculada e nossa Mãe celeste, o Sucessor de Pedro alarga o próprio olhar para além dos Peregrinos da Fátima e revê, com grande estima, todos os Portugueses que encontrou na sua visita pastoral; e, com todos e para todos implora: que saibam manter-se dignos dos seus maiores, daqueles que, de Nossa Senhora da Oliveira, a Alcobaça, à Batalha, a Belém, a Vila Viçosa, ao Sameiro . . . até à Fátima, deixaram, mais do que em pedra, nos corações, marcos imorredoiros da devoção para convosco, da devoção mariana; marcos, que continuam a ser compromisso e apelo constante para os filhos de Portugal de hoje e para a inteira grei nacional: ao sentido de responsabilidade e à coerência com a própria identidade de detentores de glorioso património cristão e missionário, frente ao Senhor da história, também Senhor da história da Nação “fidelíssima”.

Nossa Senhora de Fátima: nessa Peregrinação os meus Irmãos Bispos Portugueses vão renovar o Acto de consagração, referido a essa Nação, que aí fiz o ano passado: que todos os filhos de Portugal saibam manter e cultivar com dignidade essa consagração: no aconchego dos próprios corações, na intimidade dos lares e das famílias, nos ambientes de trabalho e de convivência - nas escolas e nas universidades, nos empregos e nas repartições, nas fábricas e nas oficinas,

nos campos e nas cidades, nos locais de encontro, de divertimento e de descanso, na vida privada e pública, na participação social e política, enfim, em toda a parte e sempre viver tal consagração, começada no Baptismo, que os tornou em Cristo filhos de Deus e, por Cristo, a todos chama a serem evangelizadores da Boa-Nova da Redenção.

5. E depois de assim me dirigir à Mãe, nessa sua “Casa” que é o Santuário de Fátima, dirijo-me aos queridos Peregrinos para desejar-lhes: que cada um consiga abrir a Nossa Senhora o próprio coração, “recebê-la em sua casa”, dentro dos seus problemas ou preocupações; e que desse encontro voltem reconfortados, purificados do pecado e com o coração mais liberto, com uma renovada boa-vontade, mais firme e mais constante, para caminharem sempre na direcção de Deus, na direcção indicada pela Mensagem de Fátima, perseguindo o objectivo evangélico do Ano Santo: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (*Marc. 1, 15*).

Está nisto a resposta ao apelo, com toda a sua actualidade, lançado ao mundo pela “Senhora da Mensagem”, há sessenta e seis anos, desse local. Que ele a todos interpele e anime a acolherem a graça do Jubileu, a abrirem as portas a Cristo, Redentor do homem!

A confirmar estes votos, ao saudar com o Senhor Bispo de Leiria, os queridos Peregrinos de Fátima, a todos quero abençoar; e, por eles, as suas famílias, as suas comunidades e as suas terras, com um pensamento muito particular nas crianças, nos jovens, nos doentes e nos velhinhos. E seja-me permitido saudar em especial, com estima fraterna, os Senhores Cardeais e Bispos; saudar cordialmente os Sacerdotes e Seminaristas, os Religiosos e Religiosas; saudar também as Autoridades presentes; e saudar, ainda, os Peregrinos provenientes de outras Nações. Para todos imploro, pelo celeste valimento de Nossa Senhora de Fátima, a protecção e as graças de Deus omnipotente e misericordioso, com uma ampla Bênção Apostólica.

Vaticano, 16 de Abril de 1983.

IOANNES PAULUS PP. II

© Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana